

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Curso de Pedagogia

**O sentido de brincar para crianças do 2º ano do Ensino
Fundamental**

Renata Vieira Pedrosa Mendes

Cajazeiras/PB

2010

Renata Vieira Pedrosa Mendes

**O sentido de brincar para crianças do 2º ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação de
Pedagogia da Unidade Acadêmica
de Educação da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia, sob a
orientação da Professora Ms.
Zildene Francisca Pereira

Cajazeiras/PB

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



M538s Mendes, Renata Vieira Pedrosa.
O sentido de brincar para crianças do 2º ano do ensino fundamental / Renata Vieira Pedrosa Mendes.- Cajazeiras, 2010.
39f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Atividades lúdicas. 2. Jogos e brincadeiras. 3. Educação infantil. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.33

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pela sua presença constante em minha vida, sem que eu precise pedir, pelo auxílio nas minhas escolhas e me confortar nas horas difíceis.

À Professora Ms. Zildene Francisca Pereira, pelos importantes ensinamentos científicos, pela amizade e apoio, e pelo incentivo nas horas de desânimos. Obrigada por ser minha mestra!

Aos meus pais, por todo amor, carinho e apoio incondicional, vocês são os melhores pais do mundo. Amo muito vocês.

Aos meus irmãos e irmãs, pela amizade e compreensão. Obrigada por vocês existirem perto de mim.

Ao meu esposo, pelo amor e paciência nos meus "maus" momentos. Amo você demais. Graças a sua presença foi mais fácil transpor os dias de desânimo e cansaço.

As minhas filhas pelos momentos que suportou a dor da minha ausência quase todas as noites desses quase três anos de batalha.

Ao Professor Marcos Meneses pelo suporte de correção deste trabalho na língua portuguesa

A todos os meus amigos e colegas, pelo apoio e momentos de alegria. Pelo companheirismo e sólida amizade que construímos.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para a execução desse trabalho e pela realização desse sonho, seja pela ajuda constante ou por uma palavra de amizade.

RESUMO

Esta monografia discute a importância do brincar para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da cidade de Carrapateira/PB. Para a delimitação desta pesquisa elaboramos a seguinte questão norteadora: como a brincadeira influencia a aprendizagem das crianças? E para responder delineamos os objetivos: propor brincadeiras que estimulem a criatividade e aprendizagem escolar das crianças; analisar experiências de ensino-aprendizagem a partir da brincadeira e refletir o sentido atribuído pelas crianças quando brincam. Para a elaboração do referencial teórico tivemos como base os estudos relacionados ao lúdico na Educação Infantil a partir das leituras de: Campos (2007), Dohme (2003); Friedmann (2006); Maluf (2007); Velasco (1996), dentre outros. A pesquisa foi realizada através de observações da prática docente em sala de aula e através de entrevista semi estruturada. A monografia esta dividida em três capítulos: no primeiro apresentamos a discussão teórica voltada para a construção do espaço lúdico, da brincadeira como recurso de desenvolvimento e criatividade e do professor como mediador do processo ensino-aprendizagem a partir dos jogos e brincadeiras. No segundo capítulo apresentamos o procedimento Metodológico e por último temos a Análise dos dados coletados que nos fez perceber a importância dos jogos e brincadeiras a partir das falas das crianças participantes desta pesquisa. Por fim, concluímos que esta pesquisa nos possibilitou ampliar nosso olhar com relação às brincadeiras desenvolvidas pelas crianças, tanto na escola, quanto fora dela e a possibilidade de enxergarmos as brincadeiras em grupo como algo fundamental para o desenvolvimento pessoal e coletivo de cada participante.

Palavras chave: Atividades lúdicas; Ensino-Aprendizagem; Professor; Aluno.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
Capítulo I. A Importância da Brincadeira	09
1.1. Como se constrói um espaço lúdico.....	14
1.2. A brincadeira como recurso do desenvolvimento da imaginação e da criatividade.....	16
1.3. O professor como mediador da aprendizagem a partir de brincadeiras e jogos.....	21
1.4. A família e a escola no contexto da Educação Infantil.....	25
Capítulo II. Procedimentos Metodológicos	27
Capítulo III. Análise de Dados	30
Considerações Finais	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
APÊNDICE A	39

INTRODUÇÃO

No momento em que a educação infantil ganha espaço dentro da sociedade, já existindo uma preocupação na construção e na formação das crianças, os pais e educadores juntamente com as políticas públicas devem estar mais voltadas em assegurar uma educação de qualidade para este grupo, pois é na infância que ocorre toda uma preparação para o futuro adolescente e adulto. Segundo Oliveira (2008, p.147) "desde o nascimento, graças à maturação do sistema nervoso e a realização de tarefas variadas com diferentes parceiros em situações cotidianas, a criança desenvolve seu corpo e os movimentos que com ele pode realizar."

A autora defende que o desenvolvimento é um processo que começa com o nascimento e a cada dia vai se aperfeiçoando, ganhando equilíbrio e maturação. É aí nesse processo de crescimento que as brincadeiras vão ajudar os pais e professores a levar uma qualidade no desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social das crianças.

Nesta perspectiva me propus a pesquisar o tema: O sentido do brincar para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, o qual surgiu da minha prática em sala de aula. Observei que existe a necessidade de um maior aprofundamento acerca do conhecimento a respeito do brincar na educação infantil, porque trabalho com esse público discente desde quando comecei minha profissão docente, e esse trabalho requer muitas atividades lúdicas para criar elos entre o conhecimento das crianças e uma nova aprendizagem.

Sempre ao observar as crianças em seus relacionamentos em sala de aula, na recreação e nas atividades escolares propostas, percebi que elas só se sentiam mais atraídas se a brincadeira estivesse presente nessas ações. Na sala de aula, as atividades com brincadeiras tinham o objetivo de levá-los a uma aprendizagem concreta, já durante a recreação os brinquedos eram espalhados pelo pátio da escola, e as crianças ficavam livres para escolher suas formas de brincar. Sempre gostei de trabalhar com sucatas, tampas de garrafas em diferentes cores, pois estas eram proveitosas, porque as crianças seriavam as cores, faziam suas contagens, retiravam das tampas uma dezena, reconheciam quantidades, etc. Com esse trabalho se dava a oportunidade da criança construir

seu conhecimento sem deixar a aula monótona e cansativa, sem utilizar muito minha voz, o quadro-negro e o giz.

A brincadeira deve entrar nessa fase da vida das crianças como uma atividade de prazer, de expressão, de sentimento, de controle emocional, de socialização, favorecendo, assim, a superação de seu egoísmo, individualismo etc. O ato de brincar deve ser proposto com a intenção de levar as crianças a aprender, a construir o conhecimento; o professor não deve propor brincadeiras sem sentido para as crianças.

Hoje em dia o repertório cultural é bastante variado, os quais dá aos professores a possibilidade de propor várias formas de brincar aprendendo, tais como: cantigas de roda, literatura infantil, música, materiais pedagógicos, jogos e as brincadeiras populares; além de tantos outros materiais que o professor pode criar com materiais de sucata.

Nesta perspectiva, suponho que vários fatores são os causadores do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem das crianças, onde estes dependem de um conjunto de elementos que no decorrer da vida escolar estão desconhecidos, tais como: familiares, sociedade, a existências de problemas internos, externos, de relacionamento, de material pedagógico insuficiente e a utilização de metodologias inadequadas utilizadas pelo professor que não causam o efeito esperado. Quando a criança vem para a escola ela traz consigo suas experiências pessoais, familiares e sociais para ser integrada a outras e é enriquecida por outras formas de vivências.

Sendo assim, o ato de brincar deve ser proposto com a intenção de levar as crianças a aprender e a construir novos conhecimentos e ao professor caberá propor brincadeiras que façam sentido para a aprendizagem escolar. Com isso percebo que o trabalho com o tema: O sentido do brincar para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental é extremamente significativo para minha prática docente. Para tanto, foi necessário uma fundamentação teórica para fundamentar a brincadeira em sala de aula.

A brincadeira é uma necessidade primordial para as crianças, e é por meio do brincar que elas descobrem o mundo ao seu redor. A expressão da criança transmite o tempo todo brincadeiras, alegria, emoções e em todas as suas manifestações demonstram essa liberdade e essa disponibilidade para brincar.

Reconheço que são inúmeras as dificuldades de aprendizagem identificadas no cotidiano escolar, onde estas ocorrem logo no início da escolaridade da criança e se prolonga por anos na vida das mesmas é que surgiu esse questionamento: Como a brincadeira influencia a aprendizagem das crianças? Diante do exposto, a escola junto com os professores precisam rever suas metodologias para ajudar os discentes na superação de tais dificuldades, isso porque, a brincadeira é de extrema importância na vida das crianças.

Tendo por base este questionamento é que tenho por objetivos: propor brincadeiras que estimulem a criatividade e aprendizagem escolar das crianças; analisar experiências de ensino-aprendizagem a partir da brincadeira e refletir o sentido atribuído pelas crianças quando brincam.

A escola deve propiciar momentos de brincadeiras a crianças dispondo de tempo e espaço favorecendo o desenvolvimento intelectual e motor levando o aluno a construir com sua atuação o seu próprio conhecimento.

Pensando sobre a importância do brincar, dos espaços lúdicos, da brincadeira como recurso do desenvolvimento da imaginação e da criatividade, do professor como mediador da aprendizagem a partir das brincadeiras e jogos e da família e a escola no contexto da educação infantil é que no capítulo I apresento a concepção de diferentes teóricos acerca da temática, foco desta pesquisa.

No capítulo II apresento os procedimentos metodológicos.

No capítulo III, está a análise dos resultados obtidos neste estudo.

1. A importância da brincadeira

Uma das fases mais importantes do desenvolvimento das crianças está no processo de aprendizagem proporcionado pela educação infantil e, o professor, a escola, a família, devem estar atentos às relações que eles estabelecem com as crianças na sua forma de orientar e de se relacionar. Segundo Oliveira (2008, p.170)

A constante orientação do trabalho educativo deve respeitar a infância, captá-la na complexidade de sua cultura com sua pluralidade de características. A perspectiva que defendemos é a de que o projeto pedagógico daquelas instituições busquem fazer o olho infantil saltar o muro, quebrar barreiras, e que o olhar dos educadores procure reconhecer aquilo que as famílias das crianças sabem, vêem e esperam.

A partir das idéias defendidas pela autora, podemos afirmar que as metodologias devem estar no novo contexto educacional; pré-determinadas a reflexão, a diversidade cultural, a abertura do professor, o qual não deve se basear em uma metodologia que seja ele, o único a propor e achar que o seu método é perfeito e acabado.

Ainda citando Oliveira (2008, p.170), a autora expõe que

O planejamento curricular para creches e pré-escolas busca, hoje, romper com a histórica tradição de promover o isolamento e o confinamento das perspectivas infantis dentro de um campo controlado pelo adulto e com a descontextualização das atividades que muitas vezes são propostas às crianças. Tarefas ritualizadas de colorir, desenhos mimeografados, de colar bolinhas de papel em folhas e outras são, com isso, substituídas por atividades de pesquisa, de troca de opiniões, de expressão pessoal.

O pensamento da autora nos orienta a fornecermos um ambiente diferente para creches e pré-escolas, daqueles que eram concebido anos atrás, onde a criança vinha para incorporar o conhecimento transmitido pelo professor. Já para os espaços atuais destinados ao atendimento acima citado, devem ser lugares capazes de motivar o indivíduo, onde possa haver um acolhimento das diferentes formas de ser e agir das crianças através dos projetos educacionais propostos pelos professores para que o trabalho de construção do conhecimento aconteça a partir da vivência das experiências e descobertas da própria criança. Os ambientes destinados a educação infantil devem proporcionar o surgimento de idéias e a partir dessas, trabalharmos cuidadosamente para que as mesmas

sejam implementadas pelos projetos propostos a serem trabalhados pelos professores.

A brincadeira é uma das atividades que envolve a maior parte do tempo da fase infantil. Com isso, os educadores podem e devem fazer uso desta atividade nos seus projetos pedagógicos para proporcionar uma construção de conhecimento prazerosa para as crianças.

Ao observarmos as crianças, percebemos que elas são seres brincantes, ou seja, em todas as ocasiões elas inventam e criam oportunidades para brincar. É diante dessas ocasiões de inventar brincadeiras e criar brinquedos que as crianças vão pouco a pouco descobrindo o mundo a sua volta e se apropriando do conhecimento. Onde existir uma criança, ali estará o interesse de manifestar emoções e fantasias através das brincadeiras.

Segundo Zabalza (1998, p.82):

Na escola infantil, o jogo constitui a ocasião propícia para a socialização e a aprendizagem, capaz de fornecer à criança os componentes culturais (simbólicos e materiais) necessários para conhecer, adquirir intimidade e dominar a futura cultura dos alfabetos eletrônicos. Em outras palavras, o jogo é oferecido como um terreno fértil para "cultivar" os processos cognitivos, estéticos, ético-sociais e existenciais do sujeito em idade evolutiva.

O autor nos mostra que os jogos impulsionam as crianças a descobrir as regras da vida através dos limites expostos, dos espaços determinados, dos obstáculos a serem vencidos, a reconhecer a importância do outro indivíduo na brincadeira e, o mais importante, que é se relacionar com outras pessoas, entender regras de convivência, tais como: o respeito, aceitação das diferenças, etc.

Zabalza (1998, p.167) ainda nos diz que

O ato educativo é um ato complexo com o qual se deseja que o aluno(a), simultaneamente, aprenda a pensar, desenvolva um pensamento autônomo e tenha acesso aos conteúdos do mundo cultural ao qual pertence, faça uma aprendizagem de experiência humana, culturalmente organizada.

Podemos perceber que a proposta apresentada pelo autor só poderá ser vivenciada na prática educacional, se o professor oferecer diferentes situações de aprendizagem e não ficar preso a um modelo específico de incorporar os conhecimentos através de conteúdos didáticos prontos e acabados. O autor indica que os profissionais da educação infantil devem levar as crianças a pesquisar, usar sua linguagem própria, manifestar suas emoções e construir, por

sua iniciativa com a mediação do professor, seu conhecimento. O docente deve dar às crianças oportunidades de ampliar seus conhecimentos e não levar conteúdos e obrigá-las a decorar tal qual está na cartilha.

Nesta perspectiva, afirmamos que os professores devem criar uma ponte entre as brincadeiras e os conteúdos, não regulando o tempo de brincar das crianças, com o objetivo de, somente, atender os conteúdos curriculares. As brincadeiras devem ser vistas pelos docentes, como atividades de grande valor, de enriquecimento das aulas e crescimento pessoal dos alunos.

O professor deve compreender que a criança cria na brincadeira aptidões que, para ela, são prazerosas; fazer, inventar, brincar com as crianças é levar o professor a descobrir mais e, assim, aprenderemos mais com essa troca de experiências dentro dessa convivência participativa. Velasco (1996, p.43) diz que

Brincando, a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais e intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo desenvolver suas capacidades inatas e pode vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca à vontade, tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso. [...] Com o progresso das grandes cidades e a mudança de hábitos que a evolução da civilização nos impôs, o brincar sofreu várias mudanças no decorrer dos séculos.

A partir da exposição da autora chegamos ao entendimento de que as diversas mudanças ocorridas na sociedade, onde os pais não têm mais tempo de brincar com os filhos, onde a mulher foi transportada do lar para atuar em locais de trabalhos diversos, onde ocorreram e continuam ocorrendo grandes avanços tecnológicos, onde a população mundial teve um elevado aumento no número de indivíduos, levando essas pessoas a se aglomerarem em grandes centros urbanos, etc. tudo isso proporcionou uma nova estruturação na vida das crianças que ficaram 'sem as mãos' para se dedicar a elas, ficando assim a mercê de suas próprias vontades. Essa situação levou a criança a dedicar muito do seu tempo aos jogos eletrônicos e navegação pela internet, deixando de lado o convívio com outras crianças e a forma de brincar, da qual trata a autora citada, que agora, na realidade atual, já não são mais vivenciadas com a mesma intensidade de tempos atrás. Esse ato de brincar a partir da interação entre pessoas diferentes é o que leva a criança a ser mais criativa e, conseqüentemente, a se constituir em um adulto sem frustrações ou infeliz.

Carla Tosatto (revista Atividade e Experiência, março de 2007) explica que

Para que as situações didáticas criadas, sejam de caráter eminentemente lúdico, é fundamental ver, no brincar, contextos ricos e significativos para explorar e resolver problemas, para refletir sobre valores sociais, para aprender sobre regras de convivência, tomar decisões, levantar hipóteses, enfim, para aprender a se desenvolver.

Velasco (1996, p.69) diz que:

A criança constrói sua personalidade brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. Para o adulto as experiências tanto externas como internas podem ser férteis, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia.

Podemos afirmar, a partir das colocações das autoras, que o indivíduo se estruturará e crescerá com valores sociais, intelectuais e humanos se a brincadeira fizer parte da sua infância, e esse processo deve ter início na família, onde a criança formará concepções de valores dentro de sua vivência familiar, buscando sempre imitar os adultos naquilo que fazem. Percebemos quando as crianças brincam de: mamãe, filhinha, de jogar bola, escolhinha, etc. Todas essas brincadeiras são reproduções das atividades adultas, nas quais a criança vivencia cotidianamente. Assim, é preciso que os adultos se policiem nas ações praticadas como exemplos para as crianças e ofereçam tempo e espaço para que as crianças desenvolvam suas fantasias. Para Velasco (1996, p.76)

Onde existir uma criança, sempre haverá alguma brincadeira. Jamais faltará uma bola, uma boneca, um carrinho, ou um pião, etc. [...] O direito de brincar, de ter e compartilhar brinquedos, está na essência do ser criança. Faz parte das tradições, da cultura e, talvez, seja o mais importante legado da humanidade.

Tendo por base a citação da autora, é fato a necessidade de que, os ambientes que atendem a educação infantil, devam criar condições para que o interesse de brincar seja respeitado na infância dando a ela os suportes necessários de optar e transformar suas realidades em brincadeiras.

Ainda buscando consolidar a importância do brincar na infância do ser humano, Maluf (2007, p.19) afirma que

Brincar é tão importante quanto estudar, ajuda a esquecer momentos difíceis. Quando brincamos, conseguimos sem muito esforço, encontrar respostas a várias indagações, podemos sanar dificuldades de aprendizagem, bem como interagirmos com nossos semelhantes. [...] não posso deixar de acrescentar que brincar, além de muitas importâncias, desenvolve os músculos, a mente, a sociabilidade, a coordenação motora e além de tudo deixa qualquer criança feliz.

Sendo assim, vemos que além de ensinar português, matemática e outras disciplinas consideradas importantes, estimular as crianças a brincar também constitui uma aprendizagem significativa, porque a brincadeira é uma forma de

comunicação da criança com o mundo, é a linguagem da infância, onde essa linguagem é fundamentada na imaginação. Assim, julgamos que a criança que brinca tenha posseção sobre essa linguagem. Isso quer dizer que a criança traz para seu mundo lúdico de brincadeiras, as situações vividas por ela no seu cotidiano, ou seja, a criança imita o mundo no qual está se desenvolvendo, transformando a vida adulta a sua volta em emoções e idéias vivenciadas anteriormente em atividades prazerosas no ato de brincar. Velasco (1996, p.53) diz que

Tudo aquilo que estimula a criança a descobrir, inventar, analisar, comparar, diferenciar, classificar, etc. é sem dúvida, muito importante na sua formação geral e no conhecimento infantil – e isso o brinquedo é capaz de fazer [...] e muito bem, espontaneamente, sem compromisso e obrigatoriedade.

Sobre o pensamento da autora, vemos que o brinquedo possui duas características a lúdica e a educativa. Mas, para que haja construção de conhecimento, estas duas características, devem estar em perfeito equilíbrio. De imediato essa junção, se apresenta para nós, como uma contradição, pois achamos que a brincadeira não implicaria nos estímulos citados pela a autora, mas em apenas prazer para a criança. Porém, para que esses estímulos existam é necessário conciliar o lúdico com o educativo, e isso só é possível, se o educador desenvolver a brincadeira de forma a garantir liberdade no brincar da criança, estimulando a exploração e a manipulação do brinquedo, admitindo a interação com outros, a imaginação e a criação, ao mesmo tempo em que favoreça a construção de conhecimentos.

Dohme (2003, p.122) afirma que “as atividades lúdicas podem colaborar com o desenvolvimento pessoal a formação do homem autônomo, e ao mesmo tempo com a melhoria na participação comunitária, o homem construtivo.”.

Já Velasco (1996, p.42) expõe que “a criança deve ter oportunidade de brincar na escola, em casa, na rua, em parques e áreas livres; muitas vezes ela não escolhe o lugar, pois o importante é o momento.”.

Tendo como base os pensamentos das autoras, podemos afirmar que é por isso que nem sempre é possível compreender as listas de regras que se impõe às crianças – não faça isto, não é lugar para isso, fique quieto, etc. Com essas atitudes estamos reduzindo, controlando, trancando, despedaçando aos poucos as crianças e conseqüentemente, tratando suas infâncias com o desejo

de que ajam como adultas e não como crianças. Agindo dessa forma, não estaremos desenvolvendo uma formação de seres autônomos, mas de indivíduos repetitivos de conhecimentos alheios, pois foram educados para isso.

1.1. Como se constrói um espaço lúdico

As crianças precisam ter acesso a um espaço onde o brincar seja referência para elas dentro das instituições que as acolhem, favorecendo, assim, a aprendizagem, o desenvolvimento e a socialização das crianças.

Segundo Marly Pinto (2003, p.59) "espaço lúdico deve causar impacto em todos que nele entrem. Principalmente a criança deve ser tocada pela alegria, pela curiosidade – é um mundo de fantasias, portanto deve estimular o sonhar acordado."

A partir do que foi comentado pela autora, não podemos imaginar crianças sem alegria, mas dentro dos espaços reservados a brincadeiras, essa alegria deve ser maior, deve haver muitas cores, figuras alegres, etc. estimulando assim, a imaginação da criança. Para Oliveira (2008, p.194),

O ambiente constitui expressão de um sistema social com suas rotinas, relações, ideologias, etc. É esse sistema que prescreve a função de um espaço físico-social e as pessoas que o podem utilizar, o que podem fazer e com quem. O ambiente define diversas práticas sociais que desenvolvem diferentes competências. Espera, assim, facilitar certas atividades e descobrir outras. Agir em uma sala de aula difere do agir num teatro, por exemplo. Contudo, as pessoas, embora dêem indicação de seguir características gerais de comportamento estabelecida para cada cenário e, ao fazê-lo, confirmem essas características, apresentam margens variadas de comportamento.

Sendo assim, compreendemos que a autora afirma que os ambientes de formação são culturais, pois eles se originam das contribuições dos povos e seus modos de viverem e se relacionarem e são esses sistemas que dão sentido aos espaços lúdicos, permitindo ao indivíduo criar uma relação aberta e positiva com as diversas formas de cultura através da brincadeira que é essencial, porque é brincando que a criança se mantém criativa. É através de um espaço lúdico que as crianças brincam e, assim, se mantém uma certa relação com a realidade do dia-a-dia.

Zabalza (1998, p.240) afirma que

A escola deve ser o lugar privilegiado no qual se tem acesso a cultura. O cenário formador onde toda a série de hábitos, atitudes, competências, conhecimentos são abordados de uma maneira

explicita. [...] Na sua consideração educativa, o espaço é um acúmulo de recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Justamente por isso é tão importante a organização dos espaços de forma tal que constituam um ambiente rico e estimulante de aprendizagem.

Fica evidenciada na citação, a importância dos espaços lúdicos, onde as crianças recebem por meios culturais, estímulos para se apropriar da aprendizagem por meio da brincadeira. Velasco (1996, p.42) expõe que:

O espaço é importante, mas a criança descobre o prazer do brincar, nos próprios botões de sua camisa. Isso não significa que o adulto não deva oferecer espaços reservados para as atividades infantis, muito pelo contrário, a cada dia devemos estar mais preocupados onde a criança brinca.

É muito difícil encontrar espaços lúdicos, ou simplesmente espaços em condições necessárias para que se possa desenvolver um trabalho de qualidade envolvendo brincadeiras na maioria das nossas escolas, mas também não podemos ficar esperando que as coisas aconteçam quando as autoridades quiserem construir espaços adequados e que possa proporcionar uma educação de qualidade, enquanto ficamos de braços cruzados, por isso devemos sempre trabalhar com a idéia de que podemos fazer a diferença, para assim, tentar mudar a educação infantil de nosso país, que é a base fundamental de todo o processo de aprendizagem que o individuo venha a ter durante toda a sua vida.

Para Marly Pinto (2003, p.62),

A qualidade do espaço lúdico pode fazer a diferença. Um espaço lúdico criado com carinho, com jogos, brinquedos, brincadeiras, elementos facilitadores escolhidos, com objetivos, dá condições para que a criança carente, vinda de grandes perdas, resgate sua auto-estima, sua alegria de aprender e passe a ser incluída na comunidade, na sociedade.

A sociedade moderna globalizada influenciou a transformação de vários fatores sociais, familiares e também os da infância, onde crianças, através dos meios de comunicação em massa, são ensinadas a comprar o "pronto", castrando-se a criatividade infantil, pois a criança já não produz mais seus brinquedos, tudo é pra ser consumido. Atualmente, todas as crianças, até as mais carentes, têm um televisor dentro de casa, ou tem acesso a um computador conectado a internet (nas lan-house). Ao iniciar sua vida escolar, no primeiro contato com a escola, o espaço escolar e as situações didáticas utilizadas pela escola devem dar a elas abertura ao mundo moderno, coisa que geralmente não acontece. O que deixa a desejar é que crianças com essas facilidades, ao entrar

na escola, se não houver por parte desta, uma continuidade desse desenvolvimento de aprendizagem, vão perdendo um pouco dessa criatividade.

Em algumas décadas atrás, as pessoas relatam suas experiências de brincadeiras, onde quase todos, os brinquedos eram feitos a mão com elementos disponíveis na natureza. Assim, a aprendizagem através do ato de brincar, não acontece de fato se o meio de abordá-la não interessar e não chamar a atenção da criança, e um espaço lúdico adequado, é extremamente importante para a consolidação desse processo.

Maluf (2007, p.23) afirma que

Para proporcionar à criança oportunidades divertidas para que desenvolva suas habilidades físicas, devemos considerar quatro aspectos:

- Tipo de espaço disponível para ela brincar;
- Tipo de objeto disponível;
- Se ela está preparada para compartilhar brincadeiras e brinquedos com outras crianças;
- E, acima de tudo, não forçá-la a fazer aquilo de que não gosta.

Entendendo que as crianças são seres que estão constantemente à procura do brincar. Negar essa ação a uma criança e não promovê-la é negar-lhe a alegria e a realização. É preciso que todos os envolvidos na formação de uma criança tenham consciência e proporcione momentos inesquecíveis com materiais diversificados de brinquedos, deixando-a optar aqueles que ela tiver mais interesse, deixando-a crescer em interação com as demais crianças, ou até mesmo criando seus próprios brinquedos.

É importante organizar e estruturar o espaço lúdico de forma a estimular na criança a necessidade de brincar, visando facilitar a escolha das brincadeiras, para que aconteça o desenvolvimento integral da criança, das suas potencialidades e de novas habilidades motoras, cognitivas ou afetivas. A criança que se educa em um ambiente construído para ela, que possibilite, a esta, vivenciar as suas emoções, expressar sua maneira de pensar, sua maneira de viver e sua relação com o mundo, será um adulto equilibrado e feliz.

1.2. A brincadeira como recurso do desenvolvimento da imaginação e da criatividade

As brincadeiras sempre fizeram parte do universo infantil. Diante dessa realidade é preciso trazer para o ensino e a aprendizagem o brincar como forma de aperfeiçoamento e crescimento dos alunos.

Nesta perspectiva, Oliveira (2008, p.159) afirma que

O jogo simbólico ou de faz de conta, particularmente é ferramenta para a criação da fantasia, necessária a leituras não convencionais do mundo. Abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos. Atua também sobre a capacidade da criança de imaginar e de representar, articuladas com as outras formas de expressão. São os jogos, ainda, instrumentos para aprendizagem de regras sociais.

As crianças não brincam só por brincar, ou para passar o tempo como pensam os adultos, elas atribuem significados importantes a suas brincadeiras, transportando da sua vida e dos seus costumes idéias e sentimentos que só a ela pertencem.

Ao brincar a criança interliga todas as funções cognitivas que é afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outros, criando condições para uma transformação significativa da consciência, exigindo das crianças formas mais complexas de se relacionar com o mundo. Oliveira ressalta ainda (2008, p.160) que:

Por meio da brincadeira, a criança pequena exercita capacidades nascente, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilidades especialmente pelos jogos de faz-de-conta e os de alternâncias, respectivamente. A brincadeira ainda proporciona as crianças compreender as características de muitos objetos, para que servem, os limites impostos de tempo e espaço, dos participantes, impõe regras.

No mundo de fantasia criado pela criança ao brincar espontaneamente, ela exterioriza sua realidade interior, liberando sentimentos e expressando opiniões. É através da brincadeira que a criança aprende a seguir regras, conhece formas de comportamento e se socializa com demais indivíduos, descobre o mundo ao seu redor. Por tudo isso é que a brincadeira é de fundamental importância para as relações entre a criança e o adulto, entre crianças e o meio na qual esta inserida. Segundo Dohme (2003, p.20)

A surpresa e o desafio serão determinantes para suscitar a paixão nas crianças. Com a surpresa vem o elemento da novidade, da expectativa e com o desafio vem o convite para desenvolver, para se testar no sonho de conquistar o reconhecimento de suas habilidades ou supremacia.

Para a autora, a brincadeira dentro do jogo deve provocar nos participantes uma expectativa de conquista, dando-lhes a oportunidade de ser desafiado a provas que irão testar suas habilidades, sua atenção e agilidade.

As crianças dentro dessa dinâmica de jogos e brincadeiras aprimorará seus relacionamentos fazendo trocas efetivas entre os participantes, reconhecendo que o valor é o jeito mais saudável de exercitar o pensamento.

Nesta perspectiva, fica evidente que o brincar é uma via própria para a aprendizagem das crianças e que brincando elas externalizam emoções, sentimentos, atitudes e internalizam conhecimentos que vão servir de suporte para toda a vida.

Para Marly Pinto (2003, p.42),

A criança é que dá vida ao brinquedo e pode transformar, como num conto de fadas, uma abóbora numa carruagem; uma vassoura num veloz cavalo; uma panela vira um chapéu... E muitas vezes, basta saber da existência do brinquedo para apropriar-se e usá-lo: tocar violão sem ter o violão, tirar fotografia sem ter a máquina ou atirar com um revólver imaginário. Nesse mundo, nesse jogo de faz-de-conta ela pode ser um índio, um médico, um cachorro... qualquer coisa, não há limites para a sua fantasia.

Podemos atentar para o fato de que as crianças assumem nas brincadeiras de faz de conta papéis de pessoas adultas, representando aqueles fatos que mais lhes chamam a atenção e lhes causam uma sensação de prazer e de independência. Sendo assim, deveremos entender que é próprio da natureza infantil inventar e que a mentalidade da criança é um terreno fértil, onde tudo que é jogado é alimentado pela fantasia e externalizado por meio do brincar e que dentro desse campo o professor precisa agir de forma eficaz, pautado pela sabedoria.

Friedmann (2006, p.38) afirma que "o brincar espontâneo incentiva a criatividade e constitui um dos meios essenciais do desenvolvimento e diversas aprendizagens nas crianças."

A autora acredita que brincando sem compromisso de acertar ou errar, sem obrigatoriedade a criança também constrói conhecimentos

Para Campos (2007, p.53)

O período que compreende os seis primeiros anos de vida ocupa uma posição importante no esquema do desenvolvimento humano. Basta observar que é de pequeno que se aprende a ser grande, ou seja, na infância se constrói e se organiza um aparato de ferramentas e recursos que serão usados no percurso da vida.

Neste sentido entende-se que uma vida saudável e feliz, dependerá da parcela desse tempo de vida que é a infância, onde ficam registradas na memória e para sempre aquilo que de bom ou de ruim foi vivido.

Os professores precisam ir além e priorizar ações pedagógicas baseadas em metodologias inovadoras que levem a uma educação com mais criatividade, despertando as crianças para a arte, música, desenho, etc. levando-as a descobrir o potencial que cada uma possui, e isso pode ser conquistado com a iniciativa de brincar, pois conforme Campos (2007, p. 53)

A forma de aprender da criança não está vinculada a um tipo formal de ensino de conteúdos e programas do currículo da escola, ao contrário, para a criança aprender é necessário dar vida a estes, associando-os a atividade criadora e com experiências motoras e sociais.

Assim, podemos afirmar que o professor deve entender que o mundo infantil é dotado de fantasias, cores, emoções, sentimentos, energia; é por isso que as escolas, as aulas, a metodologia, etc. não podem ser sem brilho, sem vida para acolher aqueles que ali estão buscando mais conhecimentos e descobertas a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca.

Podemos afirmar que brincar é próprio da criança e que essa atitude faz a criança aprender de forma prazerosa e saudável.

Para Marly Pinto (2003, p.43),

A criança submetida a violência também brinca, e por meio do seu brincar podemos descobrir seus problemas, suas barreiras. A criança brinca sempre, ela necessita desse exercício de vida. A criança brinca na paz, na guerra, nos campos de concentração, nos hospitais... brincar é uma atividade indispensável para sua saúde física e mental.

A partir das colocações da autora, somos levados a compreender que a criança espancada, que sofre agressões por palavras, é rejeitada por sua mãe e fica sem o apoio e a segurança familiar brinca também, só que tem atitudes agressivas constantemente, se fechando, batendo, pois ela demonstra, através de seus atos, as suas insatisfações e revoltas. Conforme Marly Pinto (2003, p.46),

O brinquedo é um elemento importante no desenvolvimento da criança, mas dependendo de sua manipulação pelo adulto pode ser luz ou sombra; luz quando usado para facilitar o processo de aprendizagem, para estimular o desenvolvimento físico, para recreação e para aliviar tensões; sombra quando é imposto pelo adulto como instrumento de repressão e controle. O brinquedo não deve ser usado como prêmio ou castigo.

Fica evidente que nesta perspectiva, o indivíduo que é mediador desse processo não pode ser alheio aos interesses, as frustrações e a todo o processo de organização e aprimoramento do estado emocional de cada ser pequeno que precisa ser entendido, acolhido e o adulto ali presente precisa encontrar nele a segurança necessária e o diálogo para superar-se.

Uma criança revela suas emoções e sentimentos com muita facilidade, basta uma repreensão e ela já se expõe aos adultos e, dentro de suas brincadeiras, isso se dá muito mais rapidamente.

Marly Pinto (2003, p.46) diz que

Para a criança, o brinquedo e o brincar não é só um prazer; algumas vezes é um sofrimento. Observando uma criança absorta em sua atividade séria de brincar, vamos descobrir seus medos, seus problemas, suas preferências, suas alegrias e tristezas.

Entendemos assim que a criança, ao brincar, expõe sua mais íntima essência, por ser muito transparente e não sabe se mascarar. A criança tem essa virtude que lhe é própria e a intervenção do mediador em suas brincadeiras é necessário sempre que preciso, pelo diálogo, pela instrução, pela acolhida, etc.

Zabalza (1998, p.51) afirma que

Tudo na educação infantil é influenciado pelos aspectos emocionais; desde o momento psicomotor, até o intelectual, o social e o cultural. A emoção age, principalmente, no nível de segurança das crianças, que é a plataforma sobre a qual se constroem todos os desenvolvimentos. Ligado à segurança está o prazer, o sentir-se bem, o ser capaz de assumir riscos e enfrentar o desafio da autonomia, poder assumir gradativamente o princípio de realidade, aceitar as relações sociais, etc.

As colocações do autor, nos remete a reflexão de que nem todas as crianças vem de realidades sociais e familiares iguais, e que muitas chegam à escola com marcas profundas na sua infância. Umas são marginalizadas do seu meio social por não ter dado a elas condições de viver dignamente, outras são vítimas do desafeto familiar, onde os vícios são causas de destruição e frustração para tantas crianças. Quando uma instituição recebe crianças com esses estigmas sociais e familiares, ela precisa pensar num jeito de suprir também essas carências afetiva, familiar e social. O educador precisa ser para essas crianças um ícone de acolhimento, doação e afeto. Além da necessidade de uma boa formação, o docente precisa ensinar essas crianças a redescobrir seus valores que foram negados.

Podemos concluir que a linguagem mais direta da criança e a emoção, que pode ser percebida com mais facilidade nos momentos de brincadeiras e essas emoções é o fator determinante na construção da personalidade de uma criança hoje, que amanhã será adulta. Quando uma criança não é bem trabalhada ou é frustrada nas suas emoções ela terá graves conseqüências na sua vida adulta.

1.3. O professor como mediador da aprendizagem a partir de brincadeiras e jogos

O professor não pode propor aos alunos brincadeiras sem significações. Diante das brincadeiras o professor precisa ser mediador e as atividades propostas por ele devem criar momentos de aprendizagem.

Segundo Maluf (2007, p.11),

A formação de um profissional na área de pedagogia precisa ser melhor embasada com conhecimentos que vivenciem experiências lúdicas que atuem como estímulos para aplicar seus poderes de habilidades em uma variedade que desabrochem naturalmente em uma variedade de maneiras de explorar a si próprio e o ambiente em que se encontram. Assim, à medida que vivenciam novas experiências, desenvolvem suas fantasias, e o prazer se expande em alegrias. Com certeza, seu cotidiano pedagógico será mais rico, pois irão fluir novos projetos e novas criações. Desta forma o pedagogo poderia:

- soltar sua imaginação;
- estimular sua capacidade;
- ser mais espontâneo;
- ter mais iniciativa;
- enfrentar desafios;
- modificar regras;
- ser mais confiante.

Enfim, poderia sentir o prazer do lúdico através de práticas corporais como danças, jogos, brincadeiras, etc.

O educador que atua na área de educação infantil precisa de formação profissional específica no atendimento a esse público para saber lidar com situações diferentes, pois cada criança é única, e não se pode mais admitir que pessoas despreparadas sejam escolhidas para trabalhar na educação infantil, a qual é o alicerce de toda a educação posterior do indivíduo.

O professor de educação infantil tem que ser aquele que se encanta com as crianças, adentrando no mundo delas, entendendo-as nos seus diversos momentos emotivos, deve entender que a criança é um ser humano que precisa ser compreendido, amado, respeitado.

O professor precisa ser capaz de fazer a criança construir seu próprio conhecimento; o professor não pode conceber o aluno como um ser vazio que não sabe nada, mas como um ser que já traz, de suas convivências, experiências e conhecimentos adquiridos.

Pelos pensamentos aqui expostos fica evidente que o jogo (brincadeira) deve fazer parte da formação do profissional de educação infantil, no sentido de preparar esse profissional para atuar com eficiência na formação das crianças iniciantes na vida estudantil.

O educador pode mediar a aprendizagem infantil na formas de brincadeiras onde essas brincadeiras podem ser apresentadas as crianças por meio de jogos, danças, histórias, dramatização, etc., ou seja, existe um acúmulo de brincadeiras culturais que todas servem como recurso didático que tanto podem ser instrumento de alegria, expressão levando a uma aprendizagem significativa. Para Dohme (2003, p.79)

O jogo para a criança, constitui um fim, ela participa com o objetivo de obter prazer. Para os adultos que desejam usar o jogo com objetivos educacionais, este é visto como um meio, um veículo capaz de levar até a criança uma mensagem educacional. Assim, a tarefa do adulto é escolher qual o jogo adequado, o veículo adequado para transmitir a mensagem educacional desejada.

A autora defende que a aprendizagem se dará nas crianças através de uma ação sobre o meio, ou seja, a criança age no seu mundo para daí produzir conhecimento e incorporar valores.

Voltando a Dohme (2003, p.87), ela ainda afirma que:

O jogo é a maneira natural das crianças interagirem entre si vivenciando situações, manifestando indagações, formulando estratégias e verificando seus acertos e erros, e poderem, através deles, reformularem, sem qualquer punição, seu planejamento e as novas ações.

Um jogo é um grande campo onde as crianças vivenciam de forma livre e autônoma o relacionamento.

Os adultos que estão convivendo, cuidando e educando crianças não podem achar que a brincadeira é perda de tempo, ou achar que os conteúdos são o único meio de produzir nas crianças conhecimentos. É interessante ressaltar que as brincadeiras atraem crianças de todas as idades e que brincar estimula a criança a se expressar a ser atuante, desperta a criatividade e extrai toda a potencialidade que a criança possui. Aprender hoje é uma questão de encontrar meios que levem as crianças a um envolvimento corporal, mental e acima de tudo

participativo, e o meio que interfere de forma positiva nesse conjunto de habilidades que a criança vai desenvolver no decorrer de sua infância é a brincadeira. Zabalza (1998, p.82) expõe que

É um direito da infância, poder desfrutar de tipos de jogos de características contrapostas ao jogo alienante, isolador, comercializado que foi imposto as famílias através dos jogos eletrônicos/automáticos, e da televisão a que se impôs, também, na escola devido à sua condição de atividade subsidiária em relação as atividades consideradas "sérias" (até o ponto de ficar reduzido a uma espécie de taxímetro, a servir como prêmio: "se estudar, se fizer bem os exercícios da escola, deixarei vocês brincarem").

Os professores, os pais e a escola, juntamente com a comunidade, devem apoiar as crianças em sua fase de desenvolvimento e crescimento oferecendo a elas os mais variados suportes para inventar e escolher seus brinquedos e brincadeiras. Afirmo Velasco (1996, p.44) que

A criança é curiosa e imaginativa, esta sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades. Sua imaginação e fantasia levam-na muitas vezes, a transformar um brinquedo em arma perigosa, sem perceber o risco a que está se expondo. Sendo assim, é preciso que os adultos estejam atentos as maneiras das crianças se relacionarem com os brinquedos, temos exemplos em sala de aula que objetos pontiagudos foram utilizados por crianças para machucar outras.

As afirmações da autora, deixa-nos claro que as crianças percebem com grande facilidade que podem manipular objetos e criar brincadeiras diversas, e que podem trazer a sua realidade, as fantasias que a imaginação despertou através do brincar.

Dohme (2003, p.128) supõe que

Manter um ambiente alegre e fraterno é condição essencial é condição essencial para um relacionamento pacífico e próspero. O lúdico é um elemento importante para a formação deste ambiente agradável, isto pode ser conseguido através de participações dos alunos em jogos coletivos, campeonatos, gincanas, na formação de um grupo teatral ou um coral, atividades que são oportunidades para a alegria de se manifestar.

Ao contrário, um ambiente hostil pautado pelo medo, faz com que as pessoas, para se protegerem, evitem se expor, o que resulta em pouco, ou nenhum conhecimento um do outro.

A autora expressa a necessidade de um ambiente fraterno para acontecer a aprendizagem. Assim, se faz necessário que haja uma interação entre o professor e os alunos, onde o professor deve intervir quando o processo de ensino-aprendizagem não estiver acontecendo de forma satisfatória. Uma das formas de intervenção poderá ser a brincadeira. A intervenção nesse processo de ensino-aprendizagem deve acontecer na relação professor-aluno, pautados pelo

acolhimento e a flexibilidade, onde o mediador deve estar sempre pronto a, educadamente, esclarecer as dúvidas surgidas, falar de forma clara que possa levar o aluno a entender e não se fechar.

Sobre o atendimento individual permanente que o professor necessita dar ao aluno, Zabalza (1998, p.53), ressalva que

não é possível dar atenção individual durante o tempo todo a cada criança, mas, mesmo não sendo possível, o professor deve manter um atendimento individual com cada criança, mesmo que de tempos em tempos, pois assim o educador terá acesso a linguagem pessoal própria de cada criança e, assim, reconstruir com ela os procedimentos de ação, de orientação, de dar-lhe pistas novas, de dar-lhe apoio na aquisição de habilidades ou condutas muito específicas.

Zabalza (1998, pp.68–69) ainda diz que:

O chamamento pedagógico que é ouvido hoje com maior insistência é aquele que solicita que seja jogado um bote salva-vidas para a infância. Especificamente, pede-se a família e à escola que projetem uma nova imagem da criança. O reaparecimento em cena da infância, dito em outras palavras, com a roupagem da razão. Uma infância que venha, logicamente, com fantasias, sentimentos, intuição, mas também com "corporeidade, com linguagem", "lógica", "cultura antropológica", com sangue social, com vontade de conhecer o próprio território de vida e a própria região histórica. Trata-se, é verdade, de uma criança bem dotada para voar através dos circuitos da fantasia; mas não para adotar a face de um ser metafísico, sem rosto, inexistente e sim para dilatar e enriquecer os diferentes planos "contingentes" da sua identidade histórica e social.

O autor ressalta a necessidade de criar e dar oportunidade de, através de sua cultura e vida cotidiana juntamente com pessoas envolvidas nesse processo, oportunizarem as crianças a participar da construção de sua própria identidade, escolher horizontes e sonhar, viver com intensidade cada etapa da vida. E a brincadeira proporciona o acontecimento destes fatos, pois as brincadeiras são momentos de encontro de crianças com crianças e com os brinquedos que vão, nas suas trocas, construir nas crianças experiências diversas. Todas essas vivências são valores culturais que se constroem no decorrer de sua infância e vão ajudando na construção de seus valores, valores estes que as crianças incorporam, fazendo com que ao chegar na escola ela possa falar o que pensa, dispor dessa bagagem cultural que ela já traz para enriquecer aos outros, com trocas de experiências, etc.

Neste contexto podemos identificar que a linguagem é peça fundamental na construção da identidade da criança. Os profissionais de educação infantil precisam ter a certeza de que é através da linguagem que se constrói e se

exercita nas crianças a capacidade de aprender, e a criança expõe uma linguagem própria ao brincar. É a partir dessa linguagem própria do brincar da criança, que o professor deverá trabalhar uma interação educador(a)-aluno(a), para que se possa haver a construção do conhecimento na criança.

Para Zabalza (1998, p.51):

É preciso, então criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista; tornar possível e estimular todas as crianças a falarem, criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador(a) – criança que a faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente as estruturas prévias.

O autor relata ainda que exercitar a linguagem não é suficiente; a idéia fundamental é aperfeiçoá-la, buscar novas possibilidades de expressão, neste sentido, a interação com os educadores é fundamental. A linguagem entra como peça fundamental da formação das crianças, dando suporte para novas descobertas.

Para tanto a expressão verbal é fundamental, Zabalza (1998, p.198) confirma que

Aprendendo a verbalizar os sentimentos e a escuta o outro, a verbalizar os sentimentos e a escutar o outro, a criança está desenvolvendo capacidades para enfrentar situações de conflito, reconhecendo pontos de vistas diferentes do seu, respeitando-os e aceitando-os.

Nesta construção a criança e o professor vão ter que estar abertos as diferenças de comportamento e opiniões e saber lidar com elas, particularmente o professor que já tem mais maturidade precisará de muito conhecimento e experiência profissional para saber intervir nos conflitos de forma que contribua na construção do conhecimento daquela criança.

1.4. A família e a escola no contexto da educação infantil

Podemos abordar este assunto partindo da realidade nacional em relação a educação infantil, onde as nossas crianças não podem continuar desamparadas quanto a um direito que lhe é obrigatório que é uma educação de qualidade, e a política pública precisa fazer algo para mudar a realidade das instituições que nem sempre estão preocupadas em amparar a infância como deveria. As instituições devem proporcionar às crianças cuidado, afeto e ensino de qualidade. Essa mentalidade que é cultural em nossa sociedade, de que quem vem de

periferias e que são marginalizados, o ensino pode ser ministrado, a essa criança, de 'qualquer forma', sem muita exigência, e que o mínimo que é oferecido já é tido como uma grande parcela de conhecimento. Se a escola age assim, com essas crianças de vem de realidades familiares e sociais com dificuldade, estará transformando essas crianças em adultos que dará continuidade a vida de exclusão, continuaram sendo e gerando frutos de uma realidade onde os direitos são negados, como os seus pais o negaram por não entenderem os direitos que possuem. Por que não entendem? Porque também não tiveram uma educação de qualidade. E assim, o ciclo vicioso da ignorância permanece nesta classe menos favorecida que continuará desfavorecida, pelos motivos já comentados.

Oliveira (2008, p.175) diz que

Hoje, a aproximação da instituição educativa com a família incita-nos a repensar a especificidade de ambas no desenvolvimento infantil. São ainda muitos os discursos sobre o tema que tratam a família de modo contraditório, considerando-a ora como um refúgio da criança, ora como uma ameaça ao seu pleno desenvolvimento. Em geral, tais discursos pouco levam em conta os fatores econômicos e sociais que presidem a organização familiar, a divisão de tarefas no lar, o tempo que cada membro da família pode dedicar à criança.

A família é o primeiro berço de relações e aprendizagem pelo qual passa a criança até entrar na escola, sabendo-se que hoje as formas de conceber família são variadas. Muitas vezes a estrutura familiar é formada sem ter nenhum acesso a escola e ao conhecimento, outras são divididas, e muitas crianças são criadas por pessoas que não são seus pais.

Velasco (1996, p.41) pontua que

A criança que convive em uma comunidade ou instituição vai, progressivamente, através das trocas com os outros, interiorizando os valores e idéias daquele grupo. Como a criança virá incorporar esses elementos na sua personalidade dependerá do caráter dessas interações sociais, assim como da natureza e variedade de trocas sociais disponíveis a ela.

A criança que a escola e os professores recebem vem carentes de amor, de acolhimento, de espaço familiar formador, cabendo, assim, a escola suprir essas carências e dar a ela uma formação capaz de reerguer, percebemos que, se for introduzido o brincar de forma adequada nos espaços de formação infantil, não transformará tudo, mas ajudará a mudar a realidade da educação infantil atual.

2. Procedimentos Metodológicos

As brincadeiras são acontecimentos marcantes na vida das crianças, pois além de proporcioná-las entretenimento fazem com que estas se desenvolvam em todos os aspectos: motor, cognitivo, sensorial e afetivo.

O sentido do brincar para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental é um tema relevante para as séries iniciais, uma vez que a brincadeira livre e com fins proposto, possibilita uma exploração do mundo à sua volta, a adquirir experiências, conceitos novos e crescer de maneira saudável.

A brincadeira além de oportunizar a criança um relacionamento com outras pessoas, faz com que se desenvolvam em todos os aspectos, facilita a aprendizagem e tem a capacidade de envolvê-las em sua cultura.

Sabemos que essa atividade, muitas vezes, não é valorizada pelos educadores, ou é trabalhada de qualquer jeito. Tirando, assim, a chance de, muitas vezes, a criança se desenvolver, sair de suas dificuldades. Outras vezes o professor busca as brincadeiras sem desenvolver uma proposta metodológica, sem objetivos de aprendizagem para tal brincadeira.

Deparamo-nos com situações onde o professor se queixa que faz de tudo para a turma e não vê resultado, que os alunos são desconcentrados, falta raciocínio e tem baixa auto-estima, e isso gera dificuldades na aprendizagem, que se prolongam por anos na vida do indivíduo, acarretando, assim, as evasões escolares e a indisciplina. Temos que partir do pressuposto de que, para a atividade pedagógica gerar conhecimento envolvente, devemos levar em conta uma metodologia que atinja os bloqueios de aprendizagem das crianças, provenientes de suas vivências familiares, sociais e até mesmo pessoais, assim, a escola dará oportunidade dessas crianças tomarem posse do conhecimento que circula socialmente.

Buscando entender de que forma a brincadeira influencia a aprendizagem da criança do 2º ano do Ensino Fundamental nos propomos a responder alguns objetivos, como: propor brincadeiras que estimulem a criatividade e aprendizagem escolar das crianças; analisar experiências de ensino-aprendizagem a partir da brincadeira e refletir o sentido atribuído pelas crianças quando brincam.

A pesquisa foi realizada em uma Escola da rede Pública Municipal da cidade Carrapateira/PB, onde funciona os 03(três) turnos. A escolha se deu

devido a escola ter conseguido um status de ser bem conceituada na cidade e de ser a mais procurada por pessoas da região.

A turma escolhida foi a do 2º ano do Ensino Fundamental (antiga 1ª série) por serem crianças que estão sempre a descobrir coisas novas a partir das brincadeiras e assim, esse trabalho torna a relação dos envolvidos nesse processo prazerosa e questionadora.

A turma é composta por 20(vinte) alunos com idades entre 07(sete) a 10(dez) anos, onde a pequena parte deles está fora da faixa etária exigida naquela série. A professora titular da sala está cursando Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (Campus de Cajazeiras/PB) e os planos de aula são feito semanalmente em que a mesma tem o acompanhamento de uma coordenadora pedagógica. Todos os alunos têm acesso ao livro didático e também possuem à sua disposição uma mini biblioteca, onde os mesmos vão sempre que precisam fazer pesquisas.

As reuniões pedagógicas são bimestrais e o contato com a família também é bimestral, podendo, em alguns casos, haver visita do docente a família ou o pedido da presença da família à escola. Uma vez que são avaliadas as relações e o interesse da família e as práticas pedagógicas dos professores. É um momento de ação – reflexão.

A observação e a entrevista não se deram em um único momento de visita; para concretizá-las foi necessário irmos outras vezes, à escola, para melhor se envolver com a turma e subsidiar meios que concretizaram a pesquisa.

De acordo com Gil (1987) a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente, porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro. Devemos, ainda, lembrar que a observação deve ser orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão.

Para Matos (2002, p.59) “[...] de forma genérica, a observação, mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos casos, na delimitação do problema e delineamento da pesquisa.”.

Nesta perspectiva, a observação dá suporte ao observador a prescindir e fazer os registros mais relevantes para a pesquisa, criando os meios necessários para realizar a segunda parte da pesquisa que vai ser a entrevista semi-estruturada.

Para Matos (2002, p.63) esse tipo de entrevista "[...] é mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada."

Neste sentido a entrevista semi-estruturada é a mais recomendada para este estudo e a qual será utilizada nesta pesquisa.

Matos (2002, p.62) afirma ainda que:

Em qualquer procedimento de pesquisa é importante lembrar a cordialidade nos contatos inicial e final entre pesquisador e respondente. Além da atenção aos horários de início e final da conversa, como deve ter sido marcado com antecedência. Sendo também necessário que o pesquisador tenha um relacionamento seguro quanto aos aspectos teóricos que norteiam a pesquisa. Para que não induza a erros durante a mesma. O entrevistador precisa dar ao entrevistado possibilidades de se sentir bem e a vontade no decorrer da entrevista, não pode esse impor que o entrevistado dê respostas que ele almeja, forçando assim um aspecto superficial da pesquisa.

Tendo por base as explicações do autor, fica claro que a entrevista precisa ser levada a sério, com compromisso, uma vez que esta nos levará a tomar conhecimento de informações relevantes para a pesquisa, onde o pesquisador ficará frente a frente com o sujeito de sua pesquisa que aqui será os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental.

3. Análise de Dados

As crianças ao serem inseridas no ambiente escolar chegam repletas de informações, e experiências do meio ao qual fazem parte, assim as crianças não são ilhas. Segundo Zabalza (1998, p.167) elas:

Pertencem a uma família, a uma comunidade, a uma sociedade e a uma cultura. A criança está imersa nesta cultura desde o seu nascimento e inclusive, antes de nascer. Nesta cultura se desenvolvem, explicações do mundo, do homem e da vida; constroem-se crenças, costumes, valores; desenvolvem-se sentimentos e comportamentos.

Sabemos que o repertório de conhecimento que as crianças adquirem mesmo antes de vir para a escola não é pequeno, pois vivemos num mundo globalizado e as informações são jogadas na nossa sociedade com muita rapidez. As crianças que acolhemos em nossas escolas, não vem em busca somente de aprendizagem, mas vem acrescentar algo ao que elas já sabem. Dá a elas a oportunidade de crescer em conhecimento é uma tarefa que exige, por parte do professor, dedicação, esforço, afeto e compreensão do mundo da criança.

As brincadeiras são fontes de prazer, de expor emoções, de externalizar sentimentos; quando o docente une essa fonte de prazer que é o brincar a aprendizagem, o aprender torna-se mais gratificante para ambos.

As crianças precisam que lhe sejam ofertadas formas de aprender diferentes das rotineiras; que se predominam em escutar explicações do professor e em seguida recebe uma atividade relacionada às mesmas. As atividades pedagógicas devem propor a construção do conhecimento que parta de um levantamento prévio e do trabalho com o concreto, com aquilo que a criança gosta de fazer, assim, a aprendizagem se efetiva na vida dos mesmos. É preciso ressaltar que para trabalhar bem é necessário que se trabalhe a partir da realidade da criança.

Nesta perspectiva entenderemos aqui algumas formas de conhecer a realidade dessas crianças participantes dessa pesquisa, afim de que, expondo suas idéias, e seus conhecimentos, nos ajudem a levar uma parcela de integração entre brincadeiras, ensino e aprendizagem.

Como resposta ao primeiro questionamento, lembrando que os nomes escolhidos para os participantes da pesquisa são fictícios, garantindo, assim, o anonimato, tivemos os seguintes resultados:

Gosto de brincar porque aprendo muitas coisas, é bom, é gostoso".
Matheus disse: "Gosto de brincar porque é bom. (Iasmim)
Porque é bom para a saúde, porque quando a pessoa faz flexão emagrece. (Guilherme)

Gosto porque é muito legal. (Fernanda)

Gosto de brincar por que é bom. (Maria Eduarda)

Tendo em vista as respostas dadas pelos alunos diante do primeiro questionamento, percebemos neles a satisfação e o interesse quando se trata de brincar e a concepção que eles tem é que o brincar está relacionado a coisas boas, prazerosas e saudáveis. A brincadeira é vista por eles como algo bom, gostoso.

Para Moyles (2002, p.20)

Conseqüentemente talvez, uma resposta a pergunta 'Por que brincar?' é que ele garante que o cérebro – e nas crianças quase sempre o corpo – fique estimulado e ativo. Isso, por sua vez, motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de obter informações, conhecimentos, habilidades e entendimento.

Neste sentido, a brincadeira é a atuação da criança no mundo, é uma maneira que ela encontra para realizar-se, para manifestar suas alegrias e emoções. Quando a criança encontra em suas brincadeiras motivos que a façam descobrir o desconhecido, a tendência é cada vez buscar mais as vias de entendimento e superação.

Como brincadeiras favoritas os alunos entrevistados disseram:

O anel, de esconde-esconde, pega-pega, amarelinha e o jogo passar a bola. (Iasmim)

Minhas brincadeiras favoritas é esconde-esconde, bola, toca, ana mula, cobra-cega, pião. (Matheus)

Carrinho, rodar bicicleta, Ana mula, motoca, sinuca, esconde-esconde, pega-pega, chicote-queimado, aviãozinho, cobra-cega.. (Guilherme)

Minhas brincadeiras prediletas são casinha, boneca, pula-corda. (Fernanda)

Casinha, boneca, esconde-esconde e jogo do anel (Maria Eduarda)

Analisando a segunda pergunta fica notável a percepção de que as brincadeiras preferidas destas crianças são bem populares e culturais, e que para ter acesso a elas não se faz necessário possuir muitos recursos. De um modo geral são brincadeiras acessíveis a toda criança.

Moyles (2002, p.20) destaca que "no brincar existe, necessariamente, participação e engajamento – com ou sem brinquedos – sendo uma forma de desenvolver a capacidade de manter-se ativo e participante."

Nesta perspectiva, o brincar está sempre associado a criança em sua forma de construir algo para si, dá um sentido maior a sua vida, seja a brincadeira proporcionada com recursos de valores para alguns, como pode ser aquela que não tem alto custo para o participante, ela sempre está cheia de surpresas e desafios.

Questionados se a escola e o professor lhes proporcionam momentos de brincadeiras responderam:

Ela passa o anel, ensina a nós como brincar. (Iasmim)

Com regras, não bater, não olhar a pessoa quando está brincando de esconde-esconde, não roubar, não empurrar. (Matheus)

A professora fala para brincar com regras. (Guilherme)

Ensinando a brincadeira. (Fernanda)

Ensinando. (Maria Eduarda)

Mediante as respostas dos alunos percebe-se que as brincadeiras sempre exige o cumprimento de regras, não tem como brincar bem se não estiver disposto a assumir posturas coerentes diante das brincadeiras propostas. Para Fazenda (1992, p.45)

O professor precisa ser o condutor do processo, mas é necessário adquirir a sabedoria da espera, o saber ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno havia lido nele mesmo, ou em suas produções. A alegria, o afeto, o aconchego, a troca, próprios de uma relação primal, urobórica não podem pedir demissão da escola; sua ausência poderia criar um mundo sem colorido, sem brinquedos, sem lúdico, sem criança, sem felicidade.

Sendo assim, o professor precisa propor meios e não impor, precisa assegurar meios necessários as brincadeiras para que estas aconteçam em um clima fraterno de amizade e respeito.

Os alunos foram questionados quanto a sua forma de brincar, gostavam de brincar sozinhos ou em grupos, onde responderam:

Com meus colegas, porque eu aprendo a conviver com meus amigos, conquisto novas amizades. Quando ela erra tem que sair do jogo. (Iasmim)

Com meus colegas, porque é bom, porque não tem como brincar de bola, de se esconder, de ana mula sem os colegas. (Matheus)

Gosto de brincar com meus colegas, porque não tem graça a diversão sozinho. (Guilherme)

Com minhas colegas, porque é bom. (Fernanda)

Com os colegas, porque é legal e a gente fica alegre. (Maria Eduarda)

Pelas respostas dá para perceber que as crianças gostam de brincar em grupos, pois fica mais fácil de nascerem as brincadeiras quando estão em grupos, esses grupos atribuem significados ao brincar e aprendem a brincar concretamente.

Marly Pinto (2003, p.83) ressalta:

Toda criança precisa brincar em grupo para entender que o companheirismo é necessário, saber ser humilde, ser tolerante com os mais fracos e com os menos capazes. Jogando e tentando ganhar, cada criança vai descobrindo suas próprias potencialidades e a dos companheiros de equipe.

Sendo assim, a brincadeira em grupo vai desenvolver várias habilidades nas crianças, tanto a motora, cognitiva como a pessoal, que é fundamental para a vida. O aprender a aprender, o tolerar, a respeitar os que perdem, etc. é uma construção necessária para toda a vida.

Sobre a criatividade da criança, questionamos se as mesmas já tinham construído o seu próprio brinquedo. Vejamos o que responderam!

Eu já criei minha casinha. Eu pego um paninho e crio minha casinha. Eu boto dois paus aterrados no chão, eu pego o pano boto por cima para tampar, chamo minha amiga lá do outro lado. (Iasmim)

Não nunca criei meu brinquedo. (Matheus)

Meu próprio brinquedo foi a sinuca, pego uma tábua, compro pregos, pego uma tabinha grossinha e bota aqui, aqui, aqui e aqui. Pego um pau de vassoura quebro e faço um taco. Já, uma gangorra, com dois tijolos e uma tábua, senta um de um lado e outro do outro, aí sobe e desce. (Guilherme)

Já, uma gangorra, com dois tijolos e uma tábua, senta um de um lado e outro do outro, aí sobe e desce. (Fernanda)

Eu nunca fiz brinquedos, só ganhei. (Maria Eduarda)

Nas respostas apresentadas pelas crianças entrevistadas, podemos reconhecer que a inteligência é muito abrangente, cada uma tem sua idéia própria, tem suas maneiras diferentes de criar seus brinquedos, de buscar alimentar sua fantasia.

A brincadeira é a forma da criança descobrir suas potencialidades, sua paixão pela vida. E quando ela se propõe a criar seus próprios brinquedos, então o sentido que ela atribuiu já se completou em sua memória, já produziu aprendizado que foi alimentado por suas fantasias.

Segundo Marly Pinto (2003, p.107)

Muitas crianças tem um jeito diferente de aprender daqueles que estamos acostumados, do jeito que a maioria aprende. Que jeito é esse? Esse jeito é um conjunto de recursos e estratégias, comportamentos, gestos, sons que a criança recorre para aprender. Este conjunto tem um número infinito de componentes, pois cada criança é diferente da outra.

Na visão da autora, as crianças não precisam só aprender se for com letras, com números, com o professor falando. Elas aprendem de diversas formas, e em diferentes momentos. Nisto podemos deduzir que as brincadeiras propostas pelo professor podem ser variadas sem necessariamente utilizar sempre os recursos pedagógicos, pois pelo que foi observado, as brincadeiras de características populares e culturais também produzem conhecimento nos alunos e não impede que eles desenvolvam suas habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho fizemos um apanhado de conceitos teóricos formulados por diversos autores e, a partir deste, expomos a construção de um conhecimento a respeito do brincar como gerador de conhecimento às crianças. Passamos pelos motivos e pelas conseqüências da utilização das brincadeiras e jogos na Educação Infantil. Tocamos na questão da relação professor-aluno, mostrando quanto a brincadeira pode facilitar o processo de aprendizagem e ajudar a melhorar a relação entre docente e discente. Finalmente, chegamos a um exemplo real de como uma mudança na postura do professor da Educação Infantil, no modo de se lidar com a educação e de valorizar as brincadeiras como forma de abordar os conteúdos pode aumentar a motivação dos alunos e, conseqüentemente, melhorar sua aprendizagem e ampliar sua bagagem cultural. Tudo isso, pode ser concretizado como, objeto de nossa pesquisa, em que percebemos quanto às brincadeiras, permite fazer releituras múltiplas do mundo, dos conceitos aprendidos na escola e rearticulá-los através dos jogos.

Ao final deste trabalho não poderíamos deixar de considerar aquilo que mais chamou nossa atenção ao entrevistar o grupo de alunos observados. O grande diferencial é que apontaram como a brincadeira coletiva como ato comum para todos. Desta forma, tomamos consciência do quanto é urgente proporcionar aos alunos novas experiências, novos contatos, novas formas de adquirirem conhecimentos, de aprofundar conceitos, bem como novas formas de expressar sua compreensão de coletividade.

Seria pretensioso de nossa parte achar que o assunto da utilização de brincadeiras no processo de formação de crianças e as formas de torná-la realidade se resumem a este trabalho, pois muito ainda há para ser pesquisado, discutido e analisado a respeito do assunto.

Levando em conta que, pelas brincadeiras, os conhecimentos são transmitidos de forma muito dinâmica, informal e prazerosa, os alunos demonstram sempre muita vontade em aprender, o que nos leva a concluir que, quando não há imposição de idéias e o aluno pode experimentar para então recriar, quando não há cobranças excessivas e desnecessárias, o aprendizado se dá de maneira mais efetiva e acaba sendo mais eficiente e duradouro.

Assim como em todas as áreas da vida, a motivação é essencial para a concretização de ações, sejam aspirações ou deveres. Tudo que é feito com prazer dá mais sentido à vida. A escola, mais que uma obrigação social, deveria ser um lugar prazeroso, onde as pessoas fossem para ser feliz, feliz por interagir com outras pessoas e por aprender a continuar sendo aprendiz.

Estamos realmente convencidos de que a brincadeira é extremamente relevante para o sucesso do processo de aprendizagem escolar na Educação Infantil, pois a brincadeira nos leva a motivação e estar motivado é ter prazer em fazer algo e o prazer é o estímulo da vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Deyse. *Revista: Atividade e experiência*. Pág. 53. março de 2007.

DOHME, Vânia. *Atividades lúdicas na educação – O caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2003.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

FRIEDMANN, Adriana. *O brincar no cotidiano da criança – Cotidiano escolar: Base de conhecimento*. São Paulo. Moderna, 2006.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. *Brincar: prazer e aprendizado*. 5 ed. Petrópolis/RJ. Vazes, 2007

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. 2 ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MOYLES, Janet R. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed., 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos* – coleção: Docência em formação. 4 ed. São Paulo. Cortez, 2008.

PINTO, Marly Rondan. **Formação e aprendizagem no espaço lúdico** – Uma abordagem interdisciplinar. São Paulo. Arte & Ciências, 2003.

TOSATTO, Carla/ MORA, Catarina. **Revista: Atividade e experiência**. Págs. 10 e 11. março de 2007.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar, o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro/RJ. Sprint Editora, 1996

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Trad. Beatriz Affonso Alves. Porto Alegre/RS. Artmed, 1998.

APÊNDICE A:

ROTEIRO DA ENTREVISTA

01. *Você gosta de brincar. Por quê?*

02. *Quais são suas brincadeiras favoritas?*

03. *Na escola a professora te incentiva a brincar? De que forma?*

04. *Você gosta de brincar sozinho(a) ou com seus colegas? Por quê?*

05. *Você já criou seu próprio brinquedo? Como?*